

Daminhas da Bola: o Futebol de Meninas e emoções¹

Maíra Tura Pereira (PPGA-UFF)

Palavras- chave: Futebol de meninas, emoções, crianças

Introdução

"Anteriormente, as pessoas podiam questionar se havia demanda pelo futebol feminino, mas agora a necessidade é garantir a oferta. Ao longo desses 20 anos como jogadora, o mundo mudou e vai mudar ainda mais. Se você acha que o nível atual de engajamento no futebol feminino é bom, vai dar risada quando olhar para trás em alguns anos. Vai ser insano"

Alexia Putellas, melhor jogadora do mundo 2021 e 2022

Esta pesquisa trata do sonho de muitas meninas que são esquecidas quando o assunto é futebol. Na verdade, mais do que esquecidas elas têm seu sonho negligenciado. Em continuação ao que vinha sendo construído no mestrado, as emoções continuarão a ser o tema principal de minha investigação. Porém, agora a pesquisa não terá a interlocução do alto rendimento do futebol de mulheres, a nova empreitada será com o futebol de meninas e as estrelas desse espetáculo serão as crianças e que estão crescendo dentro deste ambiente esportivo, nas categorias de base². Com o objetivo de caminhar em trilhas fechadas (ROJO, 2013) e, ao mesmo tempo, continuar pesquisando as emoções no futebol de mulheres veio a ideia de pesquisar com crianças, que é um desafio que foi pouco explorado pela Antropologia dos Esportes e pela Antropologia das emoções no Brasil.

Este estudo busca compreender o discurso das emoções dessas crianças que crescem imersas no ambiente esportivo. Espaços estes que ainda não dialogam bem com as emoções e, muitas vezes, estas são anuladas, repudiadas e subaproveitadas. Em geral, nos esportes quando se expressa o que, no senso comum, se entende por emoção, está se demonstrando fragilidade. Mas nesta pesquisa busca-se ver a dualidade das emoções,

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

² As categorias de base são divididas por idade, uma espécie de várias etapas num processo de formação de um determinado esporte. Durante este processo as crianças desenvolvem suas habilidades físicas, táticas e técnicas conforme seu nível de maturidade. Disponível em: <[Categorias de base: o que você precisa saber para começar - FootHub](#)>. Acesso em: 11 de jan de 2024

tanto o lado negativo quanto a positividade delas. Para isso, será utilizado um referencial teórico relativo a uma visão contextualista das emoções, por entender que a expressão das emoções não é algo natural ou inato e nem que vem de dentro da atleta. As emoções são construídas nas pessoas por interferência da sua cultura, do seu contexto social, dos papéis de gênero que lhe são impostos e, com isto, desde nosso nascimento somos ensinados a como expressar nossas emoções. A perspectiva contextualista visa entender a produção e o discurso das emoções que foram generificadas pelo mundo ocidental.

Como escolha teórica utilizarei o termo futebol de meninas para me referenciar às categorias de base do futebol de mulheres³ e, com isso, pretendo ampliar o conceito já utilizado por diversas pesquisadoras que se debruçaram sobre o assunto. A maioria das pesquisas sobre mulheres que praticam futebol permeiam mais as vivências, diálogos e interlocuções com as jogadoras, treinadoras e torcedoras adultas ou adolescentes. Já no meu estudo, as principais interlocutoras da pesquisa são as crianças, por isso, acredito que o fato delas serem crianças é um marcador importante para realizar essa diferenciação. A percepção utilizada neste artigo para criança é o parâmetro aplicado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que segundo o art. 2º da Lei 8.069/90 (ECA), considera criança a pessoa de até doze anos de idade incompletos.⁴

Além disso, o futebol de meninas é mais alto explicativo do que categorias de base e possui um paralelo mais claro com o futebol de mulheres. Meu objetivo não é causar um antagonismo entre o futebol praticado por adultas e por crianças, mas sim mostrar que o futebol de meninas seria um processo de construção e transformação das crianças para o futebol de mulheres. Por outro lado, existem várias nomenclaturas para os mais diversos futebolis que não são o futebol de homens, como o futebol indígena, o futebol trans, futebol de cegos. Isto mostra que as pessoas precisam de mais termos para se identificar com o futebol e o futebol de meninas é a minha escolha analítica para identificar as crianças neste universo de possibilidades, dentro deste esporte tão diverso.

Nos clubes do Rio de Janeiro às categorias de base do futebol de mulheres se iniciam no sub-18 e terminam no sub-20⁵. A categoria de base sub-18 pode ter atletas a

³ Futebol de mulheres é um termo criado por Kessler (2015).

⁴ Disponível em: < [O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA — Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania \(www.gov.br\)](https://www.gov.br/dca/pt-br/assuntos/legislacao/leis/8069-90)>. Acesso em: 11 de Jan de 2024

⁵ Dos clubes do Rio de Janeiro só o Flamengo, Botafogo e Fluminense possuem sub-18 e sub-20, o Vasco desmontou seu time no início de 2023. Disponível em: <<https://www.bing.com/search?q=vasco+acaba+com+sua+vategoria+de+base+feminina&qs=n&form=QBRE&sp=-1&ghc=1&lq=0&pq=vasco+acaba+com+sua+vategoria+de+base+feminin&sc=0-45&sk=&cvid=F27AD7D0017345CAA1F3263F71E728DD&ghsh=0&ghacc=0&ghpl=>>. Acesso: 11 de jan de 2024

partir de 14 anos. Então, entre 6 e 13 anos as meninas não possuem um espaço específico para elas em clubes, no Rio de Janeiro nessa faixa etária só existe uma menina que está em um dos quatro grandes clubes do Rio em uma categoria de base de meninos: Alice Duarte, de 8 anos, atua pelo Fluminense no sub-9, mesma categoria dos filhos de Marcelo e Ganso, ídolos da torcida do clube tricolor. A realidade de Alice é muito diferente de outras meninas que praticam o futebol e eu me questiono: onde a juventude está treinando para se tornarem futuras jogadoras profissionais de futebol?

Deste ponto, se iniciou a procura por espaços no Rio de Janeiro que sejam exclusivos para meninas praticarem o futebol de campo. Nesta busca, foram encontradas diversas escolinhas de futsal e fut7 nas diferentes zonas da cidade, porém o futebol de campo exclusivo para meninas nas categorias de base entre sub-7 e sub-14, que é a fase em que os grandes clubes ainda não abriram espaços, só foi encontrado em um projeto social chamado Daminhas da Bola. Este projeto existe desde 2011, foi criado por Thaissan Passos, atual treinadora do futebol de mulheres do Grêmio. O Daminhas da Bola fica localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, em Duque de Caxias, os treinos acontecem duas vezes na semana nas segundas e quartas na parte da tarde. Por ser um projeto social, as meninas podem praticar esse esporte sem precisar pagar uma mensalidade, mas precisam comprar o uniforme e uma chuteira para poderem participar. Este espaço se mostrou como o local ideal para eu realizar o trabalho de campo do meu doutorado, por ser acessível e ter permitido que eu fosse uma das voluntárias do projeto.

Este artigo está dividido em 4 partes: na primeira mostro alguns dos dilemas da escolha por continuar pesquisando emoções no campo do futebol de mulheres, na segunda parte mostro como a emoção é um estudo que está associado para além da linguagem, já na terceira parte discuto sobre como a emoção e o gênero estão interligados e fazem com que mulheres tenham mais preocupação com o controle de suas expressões emocionais, já na última parte proponho uma reflexão de como as crianças localizam suas emoções e entendem, de alguma forma, que necessitam de controle sobre elas.

Em que “aldeia” pesquisar a questão das emoções?

Rojo (2013) traz uma reflexão de que nossas escolhas de pesquisa enquanto antropólogos possuem um lado racional e outro emocional e a relação dessas duas faces definem o que vamos estudar. Nesse sentido, no meu doutorado eu optei por continuar pesquisando a questão das emoções e esse, posso dizer, foi o lado mais racional da minha

decisão, pois percebo que existe ainda muito o que analisar, ler e construir sobre este assunto que não se esgotou na dissertação. Por outro lado, a maior dificuldade foi entender em que “aldeia” seria realizado esse campo e um dos maiores questionamentos que eu tive é se continuar pesquisando no futebol de mulheres não seria uma escolha muito emocional. Geertz afirma que “os antropólogos não estudam as aldeias, eles estudam nas aldeias” (GEERTZ, 1989, p.32) e em diálogo com ele percebo que esta minha escolha emocional, o meu gosto por continuar pesquisando no futebol de mulheres não é um problema.

Ademais, segundo Gupta e Ferguson (1997), a marca distintiva da Antropologia deveria ser encontrada não no seu compromisso com o local, mas na sua atenção às questões epistemológicas e políticas de localização. Assim, pensar nas questões, no contexto e não no grupo em si é a tarefa dessa ciência, pois antropólogos pesquisam as questões nos grupos e não os grupos. Então, se as questões que quero analisar forem bem estruturadas e pensadas, o “onde” vou pesquisar pode continuar tendo uma parte emocional, que é normal e faz parte do saber antropológico, já que existe uma subjetividade nas escolhas da nossa pesquisa, na definição dela, no trabalho de campo e na escrita.

Pode-se afirmar que o olhar, ouvir e escrever (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996) de cada antropólogo é diferente, mesmo que sejam análises sobre o mesmo tema, questão ou até no mesmo campo nossas análises serão distintas, pois nossas emoções, corporalidade, gênero, raça, classe social e faixa etária interferem em como olhamos, ouvimos e escrevemos. A pertinência de se falar sobre isso é a sinceridade metodológica (MALINOWSKI, 1986), antropólogos necessitam explicitar os caminhos que fizeram para alcançar os seus resultados. Como o que a gente vê não está lá, não é dado, nós construímos pelo nosso olhar treinado e devidamente orientado pelos nossos arcabouços teóricos. Por isso, continuar pesquisando emoções no futebol de mulheres me parece uma escolha assertiva.

Para além disso, Geertz (1989) traz uma reflexão de que, mesmo nos grupos que estudamos, existem subúrbios. A Antropologia pode seguir mostrando os diferentes bons sentidos e sentidos comuns de pessoas que possuem vivências distintas. O sentido comum é o impulso para a construção de subúrbios, o desejo por criar algo diferente os constrói. Assim, o futebol de meninas, que é praticado por crianças, é um subúrbio dentro do futebol de mulheres, é uma categoria que está em expansão e construção. Então, mesmo eu tendo feito a minha escolha emocional de continuar pesquisando no futebol de

mulheres, fiz também uma escolha mais criteriosa, minuciosa e analítica de pesquisar no subúrbio deste grupo. Já que poucos dados foram construídos sobre as emoções de crianças no esporte pela Antropologia no geral.

A Antropologia é assimétrica, pois te localiza em um certo momento histórico e em determinadas situações que você terá acesso no seu campo para a produção de um certo tipo de conhecimento. O pesquisador em campo não é um panóptico (FOUCAULT, 1987) que tudo vê, nós temos acesso a uma parte das histórias e vivências, quando olhamos para um lado não vemos o que está acontecendo do outro. Fazer Antropologia seria um jeito específico de ver, ouvir, escrever e produzir o conhecimento. Essa ciência é desigual no sentido de que o conhecimento nativo e o antropológico são diferentes, um não é melhor que o outro. É pertinente evidenciar a existência de uma hierarquia e de um desequilíbrio entre o interlocutor e antropólogo, inerente ao saber antropológico.

Abu-lughod (2000) ressalta que a etnografia é uma representação dos mundos sociais, de “histórias do presente”. Por isso, é importante destacar a questão da localização como central na realização de pesquisas, assim como a necessidade de nos localizarmos e localizar os nossos projetos, onde você pesquisa e produz dados diferentes. Portanto, localizar os nossos projetos, é localizar a questão que vamos pesquisar, onde vamos pesquisar, em que época ou momento vai ser realizado o estudo, como vamos pesquisar, como vamos entrar no campo, quem são nossos principais interlocutores e se existem pessoas do campo que não tivemos acesso. Já nos localizar é falar quem somos, de onde viemos, qual a nossa história, realidade e interesses, pois todos esses fatores são essenciais para afirmar que cada pesquisa antropológica é única.

“Prestei atenção na minha própria situação, como jovem no meio árabe e como isso moldou minha pesquisa” (ABU-LUGHOD, 2000, p.262). Tomando este relato de Abu-lughod pode-se afirmar que o gênero, a sexualidade, a raça, a idade, todas essas características que nos localizam no mundo fazem diferença na construção dos dados na maneira de ver, ouvir e observar as coisas no campo. O fato de eu ser mulher, lésbica, branca e jovem faz com que eu tenha disposição, facilidade e interesse para observar certas situações que uma pessoa com outra localização pode não observar.

Abu-lughod escreve contra a cultura, contra a tipificação de comunidades, porque isso traz distorções hierárquicas, ligadas a estruturas geopolíticas mais amplas de poder. “Não pretendi sugerir, ao defender “escrever contra a cultura” que todos os humanos são iguais. O que eu queria enfatizar na etnografia eram as diferenças individuais e a natureza contestatória dos discursos e da vida social dentro de todas as comunidades” (ABU-

LUGHOD, 2000, p.263). Então o aspecto da localização se tornou um aspecto fundamental, pois fazer etnografia é político. Pesquisar o futebol de meninas é político, dar voz a crianças que no senso comum são menos sábias é político. É na subjetividade que a objetividade se encontra e na Antropologia se encontra política por todos os lados.

Como se pesquisa algo que está para além da linguagem?

Mauss (1974) propõe que as emoções além de serem fenômenos psicológicos e fisiológicos também são “fenômenos sociais marcados, eminentemente, pelo signo da não espontaneidade e da mais perfeita obrigação” (MAUSS, 1974, p.325). Por exemplo, se duas pessoas não compartilham os mesmos códigos e significados sobre emoções e uma dessas pessoas expressa uma emoção, a outra pessoa não vai compreendê-la. Por isso, podemos dizer que existe uma dimensão coletiva das emoções para que as pessoas consigam se comunicar na mesma linguagem sobre seus sentimentos. As emoções podem existir dentro das pessoas, mas elas tomam formas corporificadas na cultura, na história e na sociedade, formas estas que definem como expressamos estes sentimentos. Mauss discorre sobre esse fenômeno dizendo que:

Todas estas expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo são mais do que simples manifestações, são sinais, expressões compreendidas, em suma, uma linguagem. Estes gritos são como frases e palavras. É preciso dizê-las, mas se é preciso dizê-las é porque todo o grupo as compreende. A pessoa, portanto, faz mais do que manifestar os seus sentimentos. Ela os manifesta a outrem, visto que é mister manifestar-lhos. Ela os manifesta a si mesma exprimindo-os aos outros e por conta dos outros. Trata-se essencialmente de uma simbólica (MAUSS, 1974, p.332).

Mauss então entende que talvez seja individual ou natural sentir tristeza quando se machuca, mas como você expressa essa emoção para o outro, depende de como são compartilhados os códigos de expressão dessa emoção. Existe a dimensão individual, mas também existe a dimensão coletiva de como se mostra a expressão de uma emoção. Quando uma pessoa é inserida tardiamente na socialização de um ambiente esportivo como o futebol, deixa de aprender a expressão das emoções, ou seja, a linguagem deste espaço. Nenhuma expressão de emoção é natural e sim construída e, normalmente, quem é inserida depois no esporte são as meninas que, nestas circunstâncias, consideram que os “esporros” são falta de respeito, mas no mundo do futebol são é só normal e aceito, como são expressões obrigatórias desse meio. Nesse sentido, pode ser comum ouvir dizer

que o futebol não é um ambiente feminino por ser um espaço onde é usado um tom mais brusco e objetivo na fala, mas a questão é que para quem cresce no ambiente esportivo este jeito de se expressar é normal. Isto independe do gênero e diz mais sobre a socialização de cada espaço.

Mais importante que compreender que expressar as emoções não é uma ação espontânea ou natural, é entender que não é somente pela linguagem que expressamos nossas emoções. Muitas vezes, grupos diferentes expressam suas emoções de formas diferentes, que podem até mesmo não ser compreendidas entre os grupos. É comum entre atletas e técnicos existir divergências na convivência do dia a dia. Cada um desses grupos, que ocupam espaços distintos na hierarquia, controla e utiliza seus discursos sobre as emoções de forma diferente. A linguagem empregada está associada para além da fala e da escrita, em outros termos, igualmente as palavras, os gestos e os olhares também fazem parte da expressão das emoções.

Emoções, hierarquias de poder e o feminino

É importante trazer para o debate Catherine Lutz (1990), que afirma que o discurso sobre emoções é também um discurso sobre gênero e que a natureza socialmente construída pelo Ocidente das categorias emocionais é associada ao feminino. Por isso, são utilizadas para definir mulheres que seriam subordinadas, já que a expressão das emoções seria algo perigoso. Então, o controle e o gerenciamento das emoções estão ligados ao poder da dominação masculina sobre algo que está ligado ao feminino e vem das pessoas mais fracas, irracionais, emotivas e perigosas: as mulheres. As emoções são paradoxais para Lutz, pois podem representar fragilidade quando tidas como um defeito - logo negativadas - ou como força, quando positivadas e ajudarem na realização de algo. Nesse ponto, é importante ressaltar que a visão contextualista das emoções se preocupa com o discurso sobre as emoções, sobre as narrativas que os interlocutores têm sobre as emoções. E essa dimensão a Lutz e a Abu-lughod trouxeram de Foucault (1970). Em “A ordem do discurso”, Foucault mostra que o discurso nada mais é que uma fala logicamente organizada, que passa por controles externos e internos. A necessidade desse controle ocorre para que as posições de poder sejam mantidas, pois “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que e pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1970, p. 10). Por isso, ocorrem interdições de discursos, pois não se pode falar tudo. Um discurso nunca

é neutro, ele tem gênero, sexualidade, raça e classe. Então, a Lutz rompe com teorias acadêmicas de que a emoção seria algo interno para pensar no “discurso” de Foucault e defende que as emoções são “discursivamente construídas”.

Nesse sentido, elas atravessam as relações de poder e os contextos sociais existentes. O ocidente traz a emoção como algo natural, irracional, caótico, subjetivo, não intelectual, incontrolável e perigoso. E como a emoção está associada ao feminino, todas essas categorias emocionais estariam relacionadas às mulheres e já que as emoções são vistas como perigosas, as mulheres também seriam. Com isso, se implementa a ideia da retórica do controle, do gerenciamento das emoções, pois as emoções seriam um descontrole e precisariam ser controladas e estabelecer esta dimensão de controle emocional nas e pelas mulheres é falar sobre o poder e o seu exercício. Assim, a expressão de uma emoção quando pronunciada por um homem ou por uma mulher pode ser vista de um jeito diferente. E a retórica do controle vem da ideia de que a emoção é algo que precisa ser controlado porque é perigoso e estaria fora de controle e, com isso, seria uma ameaça à ordem.

Além disso, Lutz mostra que as emoções seriam paradoxais e as mulheres seriam construídas como fortes ou fracas dependendo de como expressam suas emoções: ao mesmo tempo que elas podem tornar uma pessoa forte, elas também podem torná-la fraca. Por exemplo, em uma partida de futebol em que duas equipes são tática e tecnicamente equivalentes, pode ser a emoção o diferencial, o ponto a mais que pode levar um desses times à vitória, então, nesse sentido, a emoção é positivada. Por outro lado, também usando o exemplo da partida de futebol, a emoção pode ser negativada, sendo a grande vilã com um discurso de que a atleta se deixou levar pela emoção, o que a fez performar mal, fez sua equipe levar gols ou perder a partida.

Então, a partir dessa dimensão paradoxal das emoções e dessas características do feminino se produzem discussões sobre o problema e a dificuldade de as mulheres controlarem os seus próprios sentimentos. Além disso, evidencia uma visão cultural compartilhada do perigo tanto das mulheres quanto da sua emocionalidade, por conta das emoções serem paradoxais. A retórica do controle pode produzir nas mulheres uma visão de si mesmas, como mais emocionais e perigosas, porque se as pessoas são ensinadas desde sempre sobre uma coisa, elas começam a acreditar e reproduzir isso. E, nesse sentido, existe uma noção de que a emoção descontrolada pode transbordar como se fosse uma panela que está quase cheia e, quando pega fervura, ela transborda e isso seria uma ameaça à ordem social dominante.

Portanto, a retórica do controle emocional vai além de definir e defender limites, posto que também sugere um conjunto de papéis que são hierarquizados e ligados a questões de gênero. Então, a hipótese é de que quando as mulheres falam sobre controle, elas identificam as suas emoções e a si mesmas como indisciplinadas e elas passam a se controlar para evitar a necessidade do controle externo mais coercitivo. Isto pode ser identificado desde o início da socialização das mulheres na sociedade, que, desde seu nascimento, são ensinadas como devem expressar ou reprimir suas emoções. Neste ponto, seria interessante refletir se as crianças entendem esse processo e se o discurso das meninas sobre suas emoções em algum momento passa a noção de controle das emoções.

Como as crianças localizam suas emoções?

Abu-Lughod (1990) discorre sobre uma comunidade do Egito, quando ela estudou os Beduínos. Eles expressavam suas emoções de uma forma diferente da ocidental, sem um diálogo formal com outrem. As mulheres da comunidade dos Beduínos expressavam suas emoções em poemas e acredito que seja possível fazer essa associação entre os poemas para essa comunidade e o campo para as crianças do futebol de meninas, entendido como um local específico para expressar as emoções. Sendo assim, fora desse espaço, se perguntar sobre emoções é algo sem sentido, posto que estas estão circunscritas ao âmbito do futebol. Abu- Lughod afirma:

Os beduínos com quem eu vivi e trabalhei no Egito achariam estranha esta necessidade de confessar seus sentimentos. Seria, ao mesmo tempo, imprópria e indigna e também sem sentido. Sem sentido, não apenas porque eles nunca se perguntam ‘como você se sentiu?’ e porque nem eu consigo pensar em como isto poderia ser dito em seu dialeto. Também não teria sentido porque eles mais frequentemente se perguntam ‘o que ela fez?’ ou então ‘o que você disse?’. Não há sentido, primeiro, porque a pergunta implica na existência de uma explicação satisfatória a ser obtida através da inspeção das emoções e, segundo, porque ela presume que os sentimentos discutidos em uma confissão pública transmitida no rádio seriam os mesmos que em outros contextos sociais e outras formas de comunicação (ABU-LUGHOD, 1990, p. 24).

As crianças do Daminhas da Bola veem o espaço deste projeto social como uma categoria de base que as levarão até seu sonho de praticar o futebol profissionalmente. Assim, elas reproduzem comportamentos de jogadoras mais velhas que elas se espelham. Nesse sentido, essas meninas já entendem, mesmo que muito novas, que no campo você não pode demonstrar fraqueza e expressar emoções que não sejam de bravura, raça e

disciplina. Então, os momentos que já foram possíveis observar, pode-se perceber que ao caírem ou se machucarem elas tentam ao máximo demonstrar que não foi nada demais e já se levantam, pois elas dizem que são fortes. Paradoxalmente, no futebol de homens a “cera”⁶ é muito comum, mas no futebol de mulheres essa atitude não é bem vista e pode-se ver aí uma marca distintiva de gênero sobre a expressão das emoções. Abu-Lughod e Lutz (1990) discutem a importância do discurso para compreender o modo como as emoções são construídas:

O estudo da emoção como discurso nos permite explorar o modo como a fala fornece os meios pelos quais concepções locais da emoção exercem seus efeitos e obtêm significado. [...] Se as emoções são fenômenos sociais, o discurso é essencial para a compreensão do modo como elas são construídas (ABU-LUGHOD E LUTZ, 1990, p. 9, grifo nosso)

Longe de buscar universalizar as emoções, a perspectiva contextualista busca compreender os contextos sociais específicos que levam à expressão e controle de determinadas emoções. As emoções são aprendidas e possuem uma cultura que as constrói. É impossível dizer que as expressões das emoções são inatas ou naturais, pois, por exemplo, uma jogadora de futebol quando se aposenta e deixa de exercer as funções de atleta, ela não volta para o “natural”, pois tudo que ela vivenciou durante sua carreira já é um “pensamento incorporado”. Toda a expressão de emoções tem camadas de cultura, papéis sociais e aprendizagens, que vão a construindo. Nesse sentido, as atletas que estão no universo esportivo desde muito novas lidam com suas emoções de uma forma parecida.

Lutz (1990) trouxe da teoria de Foucault que do mesmo jeito que pode-se criar sexualidade e sua disciplina, pode-se criar a emocionalidade. Então, a visão cultural da emoção das mulheres pode ser vista não como a repressão ou supressão das emoções nos homens, mas como a criação de emoção nas mulheres. A emoção é construída como relativamente caótica e a sua existência justifica a autoridade e legítima a necessidade de controle. A associação com o feminino reivindica a distinção e a hierarquia entre homens e mulheres. As crianças desde seu nascimento são ensinadas como devem agir e se expressar a partir dos papéis de gênero a que são submetidas.

⁶ a “cera” refere-se à prática de demorar na reposição da bola ou em outras ações do jogo para gastar tempo. Disponível em: < [Jogo 'agarrado'... 'Cera' dos goleiros entra em debate na reta final do Campeonato Brasileiro - 08/11/2021 - UOL Esporte](#) > Acesso em: 7 de fev de 2024

Rosaldo (2019) elabora um conceito sobre emoções como “pensamentos incorporados” com o objetivo de quebrar a dicotomia entre cultura e psique, externo e interno e entre indivíduo e cultura. Nesta lógica, as emoções são sentidas no corpo e culturalmente expressadas na relação entre o indivíduo e a sua interação com a sociedade. Portanto, se as crianças do Daminhas da Bola, que possuem entre 6 e 13 anos, estão em uma fase da vida que os pensamentos estão sendo incorporados aos poucos, elas estão começando a se expressar enquanto indivíduos para a sociedade e entender os contextos do mundo que estão ao seu redor. Rosaldo afirma:

Explosões de sentimentos continuarão a se opor ao pensamento cuidadoso. Mas, o reconhecimento do fato de que o pensamento é sempre culturalmente padronizado e impregnado de sentimentos, que refletem um passado culturalmente ordenado, sugere que, assim como o pensamento não existe isoladamente da vida afetiva, o afeto é culturalmente ordenado e não existe separado do pensamento. Em vez de ver assim a cultura como uma fonte “arbitrária” de “conteúdos” processados por nossas mentes universais, torna-se necessário então perguntar como os “conteúdos” podem afetar a forma do processo mental. E, desta maneira, em vez de ver o sentimento como um domínio privado (muitas vezes animal, pré-social) que é - ironicamente suficiente - mais universal e ao mesmo tempo mais particular para si mesmo, se dará sentido às emoções não como coisas opostas ao pensamento, mas como cognições que aludem o “self” imediato e carnal - isto é, como pensamentos incorporados (ROSALDO, 2019, p.31)

Então, pode-se compreender que todo o *self* interior possui uma subjetividade e apresenta uma dimensão cultural. A cultura é uma invenção, a gente cria a cultura e a interpreta e cada interpretação muda um pouco esta construção coletiva. As Daminhas⁷ interpretam suas emoções e as expressam no corpo a partir de um crivo social que pode ser mais ou menos elevado por serem crianças. Em suma, as emoções não são coisas e sim processos entre os cenários culturais e as associações de memória, que fazemos sobre cada estímulo. As crianças apesar de possuírem menos experiências e recordações sobre estímulos também vivem este processo.

Geertz (2001) aborda o questionamento se existe uma natureza mental da cultura ou uma natureza cultural da mente, do mesmo modo que salienta que estudar o par mente e cultura é delicado pois, por décadas, os pesquisadores limitavam esse estudo à biologia e não discutiam a possibilidade de uma porção social no pensamento e nas significações que cada pessoa dá às coisas. O sentido das coisas é construído, imposto e transformado, pois o cérebro não é autônomo e acionado independente do contexto, a cultura e o cérebro

⁷ Daminhas é como são chamadas as atletas do projeto social Daminha da Bola.

evoluem juntos, são reciprocamente construídos e complementares. Então, o questionamento de como as crianças aprendem a sentir as emoções pode começar a ser analisado pelo que Geertz afirma sobre como:

As palavras, imagens, gestos, marcas corporais e terminologia, assim como as histórias, ritos, costumes, sermões, melodias e conversas, não são meros veículos de sentimentos alojados noutra lugar, como um punhado de reflexos, sintomas e transpirações. São o *locus* e a maquinaria da coisa em si. (GEERTZ, 2001, p.183)

Geertz, então, acrescenta às análises antropológicas que questionar o que vem primeiro a cultura ou cérebro, a mente ou biológico não faz sentido. Já que esse questionamento, fazendo uma analogia, se assemelha a “o que vem primeiro: o ovo ou a galinha?”, por isso melhor não pensar no que vem primeiro, pois seria um beco sem saída. Nesse sentido, seria mais interessante pensarmos que nossas ações, nossas escolhas, nossos pensamentos possuem uma dimensão biológica, uma cultural e um terceiro campo, que seria uma interseção destas dimensões. O uso de signos leva as sociedades a uma estrutura específica de comportamento que rompe com o desenvolvimento biológico e cria novas formas de um processo psicológico baseado na cultura. Por isso, é possível assegurar que a mente infantil é uma mente que está criando sentido, buscando, preservando e usando sentidos, é uma psique construtora do mundo.

Conclusão

Pode-se concluir, portanto, que a emoção é um estudo que está associado para além da linguagem, gestos, ritos, costumes, marcas corporais, gênero, raça, classe e faixa etária fazem parte de como aprendemos a expressar, reprimir e controlar nossas emoções. Mesmo as crianças que possuem menos armaduras sociais e traumas que os adultos, é possível perceber que a emoção e o gênero estão interligados e fazem com que as mulheres tenham mais preocupação com o controle de suas expressões emocionais desde muito novas. As crianças localizam suas emoções e entendem que de alguma forma necessitam de controle sobre elas. A mente infantil constrói o mundo e aprende, a partir de vivência e observação, a como expressar suas emoções.

O discurso das emoções pronunciado por uma criança já é um discurso construído a partir da cultura e da vivência adquirida por ela até então. Ao longo da vida podemos

mudar como expressamos e como e quando controlamos nossas emoções, mas desde o nascimento já somos ensinados que, de alguma forma, não podemos expressar nossas emoções de qualquer jeito. O ambiente esportivo ainda é hostil para meninas e mulheres por vários motivos e como executam suas expressões emocionais é uma das dificuldades de permanecer e resistir neste ambiente. Já que como Abu-lughod e Lutz salientam, as categorias emocionais estão associadas ao feminino e definem mulheres como mais descontroladas. Do mesmo modo, Foucault afirma que o discurso são falas logicamente organizadas que passam por controles internos e externos para que as posições de poder sejam mantidas.

Referências Bibliográficas

ABU-LUGHOD Lila and LUTZ, Catherine. 1990. Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life. IN: Catherine LUTZ e Lila Abu-Lughod. Language and the politics of emotion. New York: Cambridge University Press.

ABU-LUGHOD, Lila. 1990. Shifting politics in Bedouin love poetry. In: Catherine LUTZ e Lila Abu-Lughod. Language and the politics of emotion. New York: Cambridge University Press.

ABU-LUGHOD, Lila. "Locating Ethnography." *Ethnography* 1(2):261-267. 2000.

FOUCAULT, Michel. "Vigiar e Punir: história da violência nas prisões". Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GEERTZ, Clifford. 2001. "Cultura, mente e cérebro/ cérebro, mente, cultura". In: C. GEERTZ. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

GEERTZ, Clifford, O Senso Comum Como Sistema Cultural. in. O Saber Local, Novos Estudos Em Antropologia Interpretativa, Petrópolis, Vozes, 1997

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

LUTZ, Catherine. 1990. In: Catherine LUTZ e Lila Abu-Lughod. Language and the politics of emotion. New York: Cambridge University Press.

MAUSS, Marcel. 1974. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: M Mauss. Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP

ROJO, Luiz Fernando. Caminhando através de trilhas fechadas: reflexão sobre objetos nunca ou quase nunca estudados na Antropologia brasileira. *Análise Social*, L (4), 2015.

ROSALDO, Michele Zimbalist. 2019. Em direção a uma antropologia do self e do sentimento. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 18, n. 54, pp. 31- 49. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. (Original: "Toward an anthropology of self and feelings" na coletânea organizada por Richard A. Shweder e Robert A. LeVine, intitulada: *Culture Theory: Essays on mind, self and emotion*, pp. 137-157, Cambridge: Cambridge University Press, 1984)

SIRIMARCO Mariana SPIVAK L'HOSTE Ana. 2019. Antropología y emoción: reflexiones sobre campos empíricos, perspectivas de análisis y obstáculos epistemológicos. Horizontes antropológicos, 25, n. 54, p. 7-21.